



**Jackie Ormes:
a ousadia e o talento
da mulher negra
nos quadrinhos
norte-americanos
(1937-1954)**

**Jackie Ormes:
daring and talent
of black women in
American comics
(1937-1954)**

Natania A. S Nogueira

Mestranda em História na Universidade Salgado de Oliveira
Especialista em História do Brasil pela Universidade Federal de Juiz de Fora (MG)
Graduada em História pela FAFIC/Cataguases
Membro da Academia Leopoldinense de Letras e Artes de Leopoldina (MG).
Professora da Educação Básica

Resumo:

O presente texto faz uma análise das representações da mulher negra nos quadrinhos publicados nos Estados Unidos. Passando por histórias em quadrinhos de aventura e de humor, buscaremos identificar a evolução de personagens femininas tendo como referência a produção de Jackie Ormes, jornalista negra que publicou quadrinhos entre os anos de 1937 e 1954 e é considerada a primeira mulher negra a publicar quadrinhos.

Palavras-chave: quadrinhos, gênero, memória, Jackie Ormes

Abstract:

The present text analyzes the representations of black woman in comics published in the U.S., Through adventure and humor comics, we try to identity the evolution of female characters, starting from the work of Jackie Ormes, black journalist who published comics between 1937 and 1954 and is considered the first black woman to publish comics.

Keywords: Comics. Genre. Memory. Jackie Ormes.

Introdução

Os estudos acadêmicos sobre os quadrinhos têm se multiplicado nos últimos anos em várias áreas. Na história, tem se formado, gradativamente, um grupo de historiadores dos quadrinhos cada vez mais especializado. De fato, o crescimento das pesquisas sobre quadrinhos na área da história tende a superar áreas nas quais, até então, esses estudos se concentravam, como, comunicação, arte e educação.

Como fonte de pesquisa, os quadrinhos oferecem representações e contextualizações que podem ajudar a entender tanto as relações sociais, políticas e raciais quanto às próprias transformações nessas áreas no tempo e no espaço. Tabus, preconceitos, formas de pensamento podem ser encontrados nos quadrinhos produzidos durante todo o século XX. Os historiadores estão descobrindo as histórias em quadrinhos e, com elas, novas formas de se aplicar as teorias históricas.

Pesquisar a história nos quadrinhos é, também, um exercício de memória. O resgate da memória por meio dos quadrinhos surge como uma forma de se colocar novos olhares sobre o passado e sobre atores históricos cujas realizações ficaram obscurecidas ou foram propositadamente ignoradas por gerações futuras. Nas palavras de Paul Ricoeur “[...] não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos nos lembrar dela”.¹

O historiador dos quadrinhos é um agente da memória e da história na medida em que os quadrinhos não podem ser estudados dissociados do contexto em que foram produzidos e nem de quem os produziu. Assim, muito mais do que falar de personagens, devemos voltar nossos olhares para as mentes criativas que lhes deram vida e forma. Nesse sentido, acabamos por mergulhar, também, num universo biográfico. Trajetórias de vida, valores, ideias e traços da própria personalidade do(a) autor(a) são elementos fundamentais para se entender aquilo que ele(a) deseja representar na sua obra.

Nos últimos anos, tem sido feito, nos Estados Unidos, um esforço para se resgatar a memória e a obra de dezenas de autores de quadrinhos, entre roteiristas e ilustradores, que contribuíram para o sucesso dessa indústria e que marcaram de forma significativa a formação de várias gerações. No campo dos estudos femininos e de gênero, temos nomes de destaque, como, por exemplo, Trina Robbins – detentora de uma longa lista de títulos que contam a história dos quadrinhos norte-americanos, com destaque para as personagens femininas e suas autoras que, com muito ou pouco sucesso, conseguiram levar ao público suas ideias por meio de seus quadrinhos.

E, se falar sobre quadrinhos feitos por mulheres e personagens femininas é um tema que desperta, por um lado, uma grande inquietação, por outro, trata-se de um esforço enorme, de um trabalho minucioso e demorado. Muito maior ainda é resgatar a obra e a memória de mulheres afro-americanas que participaram desse mercado. Essa é a proposta do presente texto. Um estudo dos quadrinhos afro-americanos na primeira metade do século XX a partir do estudo de uma autora negra, Jackie Ormes.

A obra de Ormes nos oferece uma gama de oportunidades. Por meio dela, podemos estudar representações da mulher negra nos quadrinhos a partir da perspectiva de uma afrodescendente. A carreira de Ormes se desenvolve num período em que as conquistas femininas se ampliaram e, em seguida, sofreram um forte retrocesso. Ela transita em um meio que é de domínio masculino e alcança um sucesso até então inimaginável. Tanto Ormes quanto sua obra é de uma singularidade

¹ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução Alain François. Campinas, SP: UNICAMP, 2007. p. 40.

ímpar que desafia e aguça a curiosidade acerca da sua trajetória e do seu papel tanto para a História das Mulheres quanto para a história do negro nos Estados Unidos e no mundo.

Das representações da mulher negra nos quadrinhos norte-americanos na primeira metade do século XX

Representações do negro nos quadrinhos norte-americanos existem desde que essa mídia iniciou seu processo de expansão e reconhecimento como forma de arte e instrumento de comunicação. No final do século XIX, em várias histórias do *Yellow Kid* (Menino Amarelo) - criado em 1895 por Richard Outcault, podem ser identificadas personagens afro-americanas (Imagem 01). Em geral, são personagens secundárias, que, muitas vezes, servem para compor o fundo de uma cena. Como simples figurantes, os negros eram representados, geralmente, de forma estereotipada. Olhos e bocas eram tão exagerados que chegavam a passar a impressão de estarem deformados. As meninas negras tinham, ainda, os cabelos representados como “molinhas”, muitas vezes arrepiados, outras vezes adornados com um laço.



Imagem 01 – Disponível em: <<http://ullam.typepad.com/>> Acesso em: 21 out 2012.

De uma forma geral, as mulheres ou as senhoras negras aparecem muitas vezes representadas com traços acentuadamente africanos, com os cabelos presos, os mesmos olhos exagerados e boca avantajada. Em geral, são pessoas de classe social e econômica inferior. Ela pode ser a mãe, a tia, a cozinheira ou a babá. Elas tinham poucas falas e, na maioria das vezes, ficavam em silêncio. Isso se aplica, inicialmente, tanto a personagens femininas quanto masculinas, que apareciam rapidamente em uma história, compondo apenas um determinado enredo, muitas vezes apenas em um quadro. Em outros casos, tornava-se uma personagem fixa, mas geralmente subalterna.

Na década de 1930, segundo *Álvaro Moya*, teve início a chamada *era de ouro* dos quadrinhos, quando o gênero aventura e, posteriormente, a superaventura tornaram-se populares, aumentando a venda de *Comics*.² Foi neste período, mais precisamente no ano de 1934, que os negros, embora ainda tratados como personagens subalternos, passaram a dividir espaço com heróis, como auxiliares ou parceiros. Foi o caso de *Lothar*, gigante príncipe africano que abandonou sua tribo para trabalhar com o mágico Mandrake, sendo uma mistura de ajudante e guarda-costas. Ele é considerado por muitos especialistas o primeiro personagem negro de destaque nas histórias em quadrinhos. Entretanto, ainda demoraria um pouco para que um negro pudesse protagonizar uma história em quadrinhos.

Com o sucesso de Tarzan e o aparecimento de outros personagens inspirados nele (os chamados tarzanides), o continente africano tornou-se palco de muitas aventuras. Revistas como a *Jumbo Comics* e a *Jungle Comics* se especializaram em publicar histórias em quadrinhos nesse estilo. Outra revista de sucesso foi *Sheena, the Queen of the Jungle*, também ambientada no continente africano. Nelas, temos o herói ou a heroína brancos, enquanto o povo nativo – ora como aliado, ora como inimigo – era negro.

Analisando uma amostragem de dezoito revistas (num total de aproximadamente 1200 páginas), com histórias publicadas originalmente nos anos de 1940, 1941, 1942, 1951, procuramos nelas personagens femininas negras. Nessas dezoito revistas analisadas, a mulher negra aparece por sete vezes. Na maioria delas, ela compõe o pano de fundo (Imagem 02) como parte do cenário, sem nenhuma participação ativa. É silenciosa, tem olhar amedrontado, está ou assustada ou fugindo de alguma ameaça em meio a uma multidão de homens. Aliás, a África é representada como um continente masculino onde a mulher está praticamente invisível.



Imagem 02: JUNGLO COMICS. New York, n. 03, 1940. p. 06.



Imagem 03: JUNGLO COMICS. New York, n. 23, 1941. p. 05.

² MOYA, Álvaro de. *História da História em Quadrinhos*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 68.

Essas mulheres negras, quando visíveis, são marcadas pelo silêncio. Quando quebram esse silêncio e participam ativamente da aventura, são apresentadas e representadas de forma negativa. Na *Jumbo Comics n. 23*, temos duas personagens femininas negras que participam da trama (Imagem 03). A primeira é uma velha senhora, caracterizada como uma bruxa, de corpo deformado e traços exagerados. A segunda é uma jovem mulher, bonita e usando roupas coladas e sensuais.

Essa segunda personagem é uma vilã, a antagonista da personagem central da aventura, Sheena. Temos o embate da heroína branca com a vilã negra. Outra vilã negra aparece na revista *Sheena the Queen of the Jungle # 14*, de 1951 (Imagem 04). Ela tem um modelo de beleza europeu, apesar da cor da pele. De forma semelhante à vilã descrita anteriormente, ela usa roupas sensuais que destacam os contornos do seu corpo.

Esse tipo de representação era comum. Nesse período, e mesmo posteriormente, esse tipo de vestimenta era utilizado em vilãs de quadrinhos de aventura e superaventura, independentemente da origem étnica. As vilãs são belas, exóticas, pérfidas, egoístas, maldosas e traiçoeiras, diferenciando-se das mocinhas ou heroínas, altruístas, sinceras e capazes de grandes sacrifícios.³



Imagem 04: SHEENA THE QUEEN OF THE JUNGLE. New York, n. 14, 1951. p. 08.

O que podemos concluir é que a mulher negra aparece em duas situações. Na primeira, ela é frágil, tem medo. Seu silêncio faz com que ela simplesmente atue como uma parte do cenário. Na outra, é a vilã cruel que oprime os homens, que deve ser vencida pelo herói ou a heroína, que são brancos. Em quase todas as histórias em quadrinhos analisadas, as personagens femininas são brancas, americanas ou europeias, apesar das aventuras serem ambientadas no continente africano. É possível identificar aí um discurso civilizador. Elas ou são mocinhas, namoradinhas dos heróis, ou são heroínas, como Sheena e Camila. As mulheres negras, quando assumem papel de destaque são as vilãs. Não identificamos uma só personagem que apareça regularmente nos vários títulos publicados nessas revistas.

³ OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. *Mulher ao Quadrado: as representações femininas nos quadrinhos norte-americanos: permanências e ressonâncias (1895-1990)*. Brasília: Universidade de Brasília: Finatec, 2007. p. 69.

Estão presentes nesses quadrinhos, e em muitos outros, fortes relações de gênero; as personagens femininas aparecem em desvantagem em relação aos personagens masculinos. É necessário pensar o conceito de gênero como um fenômeno do universo real ou fictício. Portanto, elas estão presentes nas páginas das histórias em quadrinhos, da mesma maneira que se desenrolam nas práticas sociais cotidianas. As relações de gênero presentes nas histórias em quadrinhos, com foco em determinado personagem e contexto, permitem-nos identificar os mecanismos de dominação de uma determinada configuração.⁴

E, indo muito além dessas relações, ainda temos a questão do preconceito racial, que, nas histórias em quadrinhos, se manifesta de diversas maneiras; algumas vezes implícita, outras explicitamente. Como um meio de comunicação e de formação de opinião, os quadrinhos podem ser usados tanto para combater esse preconceito quanto para disseminá-lo. Tendo em vista esse perfil pedagógico dos quadrinhos, não é de se admirar que jornais editados para a comunidade negra e revistas em quadrinhos direcionadas para o público geral, ou para o público afro-americano, tenham desempenhado um papel importante no combate à segregação social.

Jackie Ormes apresenta Torchy Brown in “Dixie Harlem”

A década de 1930 abriu espaço para uma maior presença das personagens negras nas histórias em quadrinhos de aventura e nela, também, uma personagem negra iria conquistar seu espaço nos jornais, na forma de tiras, pelas mãos da primeira mulher negra a publicar histórias em quadrinhos, *Jackie Ormes*.

Nascida em uma família de classe média, no ano de 1911, em Monongahela, Pensilvânia, foi batizada como Zeldá Mavin Jackson, tendo adotado o sobrenome Ormes depois de casada. Ainda jovem, destacou-se no curso secundário pelo seu talento com artes. Depois de se formar, em 1930, pela *Monongahela High School*, em Pittsburgh, Ormes trabalhou como repórter *freelance* e revisora para o *Pittsburgh Courier*, um jornal semanal afro-americano que saía todo sábado.

Foi no *Pittsburgh Courier*, em 1937, que publicou sua primeira tira de quadrinhos, *Torchy Brown in “Dixie Harlem”*, que conta a história de uma jovem e negra do Mississippi que busca por novas oportunidades nas metrópoles do norte.⁵ Ormes investe em um gênero que vinha fazendo sucesso e que atraía o leitor do sexo feminino, a *girl strip*, tiras de garotas ou ainda história de garota.⁶ Em Nova York, ela tenta a sorte no *Cotton Club*, no Harlem, onde ganha fama como cantora. Com humor, as peripécias da jovem são uma forma de refletir sobre as dificuldades enfrentadas por quem sai do Sul em busca de novas oportunidades no Norte. Foi um total de doze tiras, publicadas entre 1937 e 1938, no *Pittsburgh Courier*. A jovem representa a primeira personagem negra independente.

⁴ Como atesta a coletânea: SAMARA, Eni de Mesquita (Org). *Gênero em debate: trajetória e perspectivas da historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1997.

⁵ GREEN, Karen. *Black and White and Color* [2008]. Disponível em: <<http://pullist.comixology.com/articles/96/Black-and-White-and-Color>>. Acesso em: 02 jan. 2013.

⁶ OLIVEIRA, 2007, p. 50.



Imagem 05: *Torchy Brown in Dixie to Harlem*, 14 de agosto de 1937 (GOLDSTEIN, 2008, p. 72).

Segundo Trina Robbins, apenas três afro-americanos cartunistas conseguiram quebrar a barreira da cor nos quadrinhos durante toda a primeira metade do século XX, e todos eram homens. Para ela, Jackie Ormes, uma mulher afro-americana, não iria tentar vender seus quadrinhos em um jornal para brancos. Daí a escolha de um jornal destinado ao público negro, o que a livrava da barreira da cor, mas ainda assim corria o risco de ser recusada por ser mulher, o que felizmente não aconteceu. *Torchy Brown in "Dixie Harlem"* estreou em um jornal para negros e foi distribuída para mais outros 14 jornais, também para negros, espalhados por todo o país.⁷

Ormes mudou-se para Chicago em 1942 e passou a contribuir para a coluna social de outro jornal afro-americano, o *Chicago Defender*, considerado um dos principais jornais norte-americanos destinado aos negros. Em 1945, lançou outra personagem, que apareceu em algumas tiras, de quadro único (painel), publicada durante quatro meses: Candy, uma empregada doméstica sexy e atrevida que está sempre fazendo observações astutas sobre seus patrões e sobre a sociedade de um modo geral.

O traço da personagem lembra sua própria autora, que passa a interagir com sua produção, não apenas colocando nela suas ideias e suas críticas, mas se personificando, apresentando uma nova mulher negra norte-americana, que não se intimida frente à sociedade, que não tem medo de expor seu pensamento e sua sensualidade. A partir de Candy, traços físicos e da personalidade de Ormes estarão cada vez mais presente em suas personagens.

Ainda em 1945, lançou uma tirinha, também de quadro único (painel), chamada *Patty-Jo 'n' Ginger*. Ginger era uma mulher jovem, elegante e de corpo escultural, sempre às voltas com as travessuras de sua irmã caçula *Patty-Jo*. A cada semana, *Patty-Jo* emitia algum tipo de comentário a referente a uma situação polêmica. Esses comentários podiam ser inócuos, mas, frequentemente, refletiam preocupações e interesses da própria Ormes, bem como os acontecimentos do dia.⁸

⁷ ROBBINS, Trina. *The Great Women Cartoonists*. New York: Watson-Guption Publications, 2001. p. 96.

⁸ GREEN, 2008.



Imagem 06: Candy, 30 de junho de 1945
(GOLDSTEIN, 2008, p.78).



Imagem 07: *Patty-Jo 'n' Ginger*, 06 outubro de 1945
(GOLDSTEIN, 2008, p.87).

A personagem Patty-Jo acabou se tornando, também, um sucesso de vendas nas lojas infantis. Transformada em boneca, ela foi produzida entre os anos de 1947 e 1949. A boneca era dedicada às meninas afro-americanas, uma forma que Ormes encontrou de valorizar e contribuir para a infância em sua época. Segundo Nancy Goldstein, a boneca representou uma importante referência para as crianças afro-americanas e suas famílias, um marco na história do negro nos Estados Unidos.⁹

É importante destacar aqui o papel dos jornais afro-americanos na divulgação dos quadrinhos e mesmo sua influência na obra de autores como Ormes. Os jornais destinados à população afro-americana têm uma longa história que começa oficialmente em 1827, quando *Samuel Cornish* e *John Brown Russwurm* fundaram o primeiro Jornal Africano-Americano, o *Freedom's Journal* (Jornal da Liberdade). Esses jornais se tornaram um grande instrumento de luta pela liberdade dos escravos e, posteriormente, contra o racismo e a injustiça social. O *Correio Pittsburgh*, primeiro jornal no qual Ormes trabalhou e onde começou sua carreira como cartunista, foi criado em 1907 por Edwin Harleston. Além de lutar pelo direitos dos afro-americanos, o jornal teve como uma de suas principais metas capacitar os negros tanto econômica quanto politicamente. Naquele jornal, Ormes teve oportunidade de desenvolver várias atividades como jornalista, chegando até a ser comentarista esportiva.

⁹ GOLDSTEIN, Nancy. *The First African American Woman Cartoonist*. Ann Arbor: University of Michigan, 2008.

O *Chicago Defender* foi fundado em 1905 para leitores afro-americanos. O Editor e fundador *Robert Sengstacke Abbott* teve um papel importante em influenciar a imigração de afro-americanos do *sul* para o *norte*, tema das aventuras de *Torchy Brown in "Dixie Harlem"*. Usando de recursos como charges, reportagens e editoriais, o jornal promoveu Chicago como um destino. Para isso, denunciou os crimes contra os negros no sul, apresentou exemplos bem sucedidos de negros que conseguiram conquistar espaço social e econômico no norte e apresentou a cidade como aberta a muitas oportunidades.

A comunidade afro-americana teve nessas publicações acesso a uma gama de informações que possibilitaram seu fortalecimento como comunidade e conseguiu, também, instrumentos para exigir direitos e participar mais ativamente da sociedade civil. Eles abriram oportunidades para jovens talentos como Ormes e prestaram serviços importantes na área social, principalmente educacional. Nem mesmo obstáculos como a falta de anunciantes, problemas com distribuidores e fornecedores impediram seu crescimento, estando presentes nas grandes cidades norte-americanas, muitos deles com circulação nacional.

Touchy Brown heartbeats: a representação da heroína negra da década de 1950 por Jackie Ormes

Em 1950, Jackie Ormes lança a série "*Touchy Brown Heartbeats*", em cores, publicada no *Chicago Defender*, até 1954. Ormes, na verdade, reinventou Torchy transformando-a numa heroína bem diferente da menina ingênua que emigra do sul para viver em Nova York. Ela remodela a personagem, dando-a outro significado, outra meta. Uma das qualidades das personagens dos quadrinhos é justamente a possibilidade de se fazer releituras; as personagens das histórias em quadrinhos materializam representações que são constantemente retomadas, reatualizadas e normatizadas abrindo a possibilidade de se recriar e fundamentar modelos e saberes.¹⁰



Imagem 08: Zelda Jackson Ormes
(GOLDSTEIN, 2008).



Imagem 09: Touchy Brown
(GOLDSTEIN, 2008).

¹⁰ OLIVEIRA, 2007, p. 23.

A nova Torchy é uma enfermeira e tem um relacionamento romântico com um jovem médico, Paul Hammond, com quem emplaca uma luta contra o racismo e a poluição ambiental em uma cidade chamada “Southville”. Torchy é uma história de aventura e romance e envolve, ao mesmo tempo, um trabalho pedagógico de conscientização contra os problemas que atingem os Estados Unidos e o mundo como a segregação racial, política externa dos EUA, democratização da educação, bomba atômica e poluição ambiental.

A consciência política e social da personagem era um diferencial. Ormes abre espaço para discutir relações afetivas, sociais, políticas e ambientais, em uma tira estrelada por uma mulher negra, o que torna a sua personagem ainda mais rica, tendo em vista o contexto no qual foi concebida. “Em meados dos anos cinquenta, Ormes abordou assuntos tão polêmicos como discriminação racial e poluição em suas histórias, temas raramente encontrados em quadrinhos até hoje”.¹¹

É também uma produção ousada e que exalta o poder da sensualidade feminina sem cair, no entanto, na vulgarização. Numa tira, Torchy aparece nua, tomando banho de rio no meio da selva brasileira (não especifica qual, mas podemos presumir que seja na Amazônia), deixando de lado qualquer pudor, afinal, na sua independência, ela não tem que dar explicações a ninguém. Torchy é uma afro-descendente que encarna o papel da heroína que antes se aplicava apenas às mulheres brancas, nos romances e nas revistas femininas. Ela apresenta para as leitoras negras que o que vai lhes definir não é a cor da pele; assim como as heroínas brancas, as negras poderiam, também, ocupar seu espaço na sociedade, ter sua independência, realizarem-se na sua individualidade.

Tanto a tira como os personagens marcam o amadurecimento de Ormes como autora e desenhista. A qualidade da arte é superior assim como a narrativa, muito mais sofisticada. *Touchy Brown Heartbeats* é seu trabalho que mais se destacou e é, ocasionalmente, lembrado pelos historiadores de quadrinhos devido à sua atitude prospectiva para com a justiça social.

Ormes aproveita, também, para expressar seu talento como *design de moda* e expressa sua visão do corpo feminino por meio das *paper dolls*, bonequinhas de papel para recortar e colar que vinham como uma espécie de encarte. As leitoras (ou leitores) podiam vestir a personagem com roupas de papel. Eram as “Torchy Togs” bonecas de papel com um desenho seminu e roupas projetadas para vesti-la. Ela vê a mulher afro-americana que, segundo sua visão, era bonita e elegante e compartilha essa imagem com suas leitoras.

¹¹ ROBBINS, Trina. *Paper Dolls from the comics*. Forestvilli: Eclipse Books, 1987. p. 17. (Tradução nossa): “In the mid-fifties, Ormers was tackling such controversial subjects as racial discrimination and toxic wastes in her stories, subjects rarely found in comics even today”.



Imagem 10: Paper dolls que acompanhava um das tiras de Touchy Brown Heartbeats, março de 1951 (GOLDSTEIN, 2008, p. 141).

Nas décadas de 1930, 1940 e 1950, quando o papel era barato, havia espaço suficiente na seção de quadrinhos dos jornais de domingo para imprimir bonecos de papel das personagens de quadrinhos dos mais variados tipos. Em 1931, a personagem Blondie, criada por Murat Bernard Chic Young, conhecida no Brasil como Belinda, exibia seu guarda-roupas em *Blondie and Some Evening Clothes*. Mas as *paper dolls* não eram apenas de personagens femininas. Até o famoso detetive dos quadrinhos, Dick Tracy, foi vestido e despido pelos fãs que compravam o *Chicago Sunday Tribune*, em 1940.¹²

Em um artigo sobre a história da moda nos quadrinhos, Nádía Senna chama a atenção para essa prática editorial que, segundo ela, era uma atividade comum entre as meninas. “Algumas revistas traziam encartes com roupas para serem recortadas e coloridas, brincadeira de vestir as ‘bonecas de papel’, atividade típica das meninas da época para os dias de chuva ou de resguardo na cama”.¹³ Mais do que um passatempo, as *paper dolls* tinham um objetivo mercadológico. Essas bonecas de papel chegaram aos quadrinhos como uma forma de ampliar o mercado consumidor feminino para aquele produto. Elas começaram a fazer sucesso a partir da década de 1940, quando

¹² ROBBINS, 1987, p. 12.

¹³ SENNA, Nádía Cruz. Moda e HQ. In: *INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001. Anais...* Campo Grande /MS, set. 2001. p. 4. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/122554706422149052378065788921333411669.pdf>>. Acesso em: 07 fev.2013.

passaram a acompanhar histórias em quadrinhos públicas em jornais e, depois, em revistas. O resultado positivo fez com que as editoras incentivassem sua publicação. As vendas de quadrinhos aumentaram e, em alguns casos, os(as) leitores(as) eram convidados a contribuir enviando desenhos com modelos que poderiam ser usados pelas personagens.¹⁴ Uma verdadeira manobra de propaganda para os quadrinhos, também mencionada por Trina Robbins em *Paper Dolls from the Comics*. Segundo a pesquisadora, as bonecas de papel eram um chamariz para as leitoras, que eram encorajadas, também, a produzirem e enviarem projetos para serem publicados nos jornais, aos domingos.¹⁵

Com essa personagem, Ormes apresentou a imagem de uma mulher negra que contrastava com as representações estereotipadas da mídia contemporânea. Torchy é confiante, inteligente e corajosa. Uma mulher que se recusa a representar um papel secundário na sociedade e que não tem medo de lutar pelo que acredita. Em pleno processo de retrocesso (*Backlash*), sua personagem é ousada e se recusa a aceitar o retrocesso dos direitos e conquistas femininas que teve início ao final da II Guerra Mundial e que marcou a década de 1950.

A *Era de Ouro* dos quadrinhos, que trouxe personagens aventureiros e super-heróis, foi um período de grande criatividade, tanto nos roteiros quanto na produção artística dos quadrinhos. No entanto, ao final da II Guerra Mundial seguiu-se um período obscuro para os quadrinhos, que passaram a ser perseguidos e censurados, ora pelo marcatismo, ora pelo ataque de intelectuais como o psiquiatra *Fredric Wertham* que, em seu livro *A sedução dos inocentes*, condena os quadrinhos, alegando que eles corrompiam a juventude.¹⁶

Uma fase, também, de perseguição à mulher que estuda e/ou trabalha fora de casa, garantindo sua independência. Essa perseguição era justificada em teorias pseudocientíficas que buscavam desestimular a independência feminina. No caso das mulheres afro-americanas até mesmo o controle de natalidade era sugerido, como forma de conter o crescimento da população negra nos Estados Unidos.¹⁷ Os quadrinhos de Ormes são uma reação a esse retrocesso imposto à sociedade norte-americana e, especialmente, às mulheres. Eles disseminaram um discurso diferente daqueles que tradicionalmente eram direcionados às leitoras do sexo feminino. Eles refletem e transmitem uma visão de mundo diretamente relacionada à sua autora e à sociedade em que vive. Analisando esse discurso, temos a possibilidade de ir além das representações impostas pela sociedade machista e racista daquele período. Nas palavras de *Eni Orlandi*.

[...] a Análise de Discurso repõe como trabalho a própria interpretação, o que resulta em compreender também de outra maneira a história, não como sucessão de fatos com sentidos já dados, dispostos em seqüência cronológica, mas como fatos que reclamam sentidos, cuja materialidade não é possível de ser apreendida em si, mas no discurso. Assim, quando afirmamos a determinação histórica dos sentidos é disso que estamos falando. Não estamos

¹⁴ JOHNSON, Judy M. *History of Paper Dolls* [1999]. Disponível em: <<http://www.opdag.com/History.html>>. Acesso em: 07 fev. 2013.

¹⁵ ROBBINS, 1987, p. 3.

¹⁶ REBLIN, Iuri Andréas. *A Superaventura: da narratividade e sua expressividade à sua potencialidade teológica*. 2012. 257 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2012. p.232.

¹⁷ FALUDI, Susan. *Backlash*. O contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres. Tradução Mário Fondelli. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

pensando a história como evolução ou cronologia, mas como filiação; não são as datas que interessam, mas os modos como os sentidos são produzidos e circulam.¹⁸

Mulheres como Ormes foram fundamentais para o movimento feminista no século XX. Mais do que isso, o feminismo negro tornou-se uma manifestação de repúdio ao preconceito, que atingia duplamente as mulheres negras, não apenas nos Estados Unidos, mas em todo o mundo. As escritoras, jornalistas e quadrinistas tiveram um papel fundamental na expansão e nas conquistas femininas ao longo do século XX.

Bell Hooks destacada feminista afro-americana corretamente afirma que o que as mulheres compartilham não é a mesma opressão, mas a luta para acabar com o sexismo, ou seja, pelo fim das relações baseadas em diferenças de gênero socialmente construídas. Para os negros é necessário enfrentar esta questão não apenas porque a dominação patriarcal conforma relações de poder nas esferas pessoal, interpessoal e mesmo íntimas, mas também porque o patriarcado repousa em bases ideológicas semelhantes às que permitem a existência do racismo à crença na dominação construído com base em noções de inferioridade e superioridade.¹⁹

A vida de Ormes rendeu três biografias: uma escrita pelo historiador *Tim Jackson*, outra pela quadrinista e afro-americana *Cheryl Lynn Eaton* e a última por *Nancy Goldstein* cujo título é bem sugestivo: *Jackie Ormes - The First African American Woman Cartoonist*. Um título de peso: a primeira afro-americana cartunista. Aliás, acreditava-se ser Jackie Ormes não apenas a primeira, mas a única mulher negra a ter seus quadrinhos sindicalizados.

Pesquisas revelaram que uma nova autora negra foi encontrada, ainda nos anos de 1950, *Doris McClarty*, que publicava suas tiras, *Fireball Freddy*, no *Hep Magazine* uma revista de humor do Texas, pela *Sépie*.²⁰ A imagem 11 mostra uma história em quadrinhos de Doris McClarty, publicada originalmente na edição de outubro de 1955, da *Hep Magazine*, em Fort Worth. A única imagem localizada da obra da autora, que nasceu em 1930 e viveu até 2007, mas cuja produção e trajetória de vida são um verdadeiro mistério. Trata-se de mais um silêncio da história das mulheres cartunistas que precisa ser quebrado.

¹⁸ ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso, Imaginário Social e Conhecimento. *Em Aberto*, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994, p. 58.

¹⁹ BAIROS, LUIZA. Nossos feminismos revisados. *Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 02, p. 458-463, 1998. Disponível em: <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/10112009-123548bairros.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2013. p. 462.

²⁰ ROBBINS, 2001, p. 97.



Imagem 11: Fireball Freddy, 1955. Disponível em: <<http://www.ladiesmakingcomics.com/post/17107327529/black-comics-history-mystery-above-is-a-comic-by>>. Acesso em: 22 mar. 2013.

Para o historiador dos quadrinhos, a oportunidade de analisar um autor e sua obra é de grande importância para compreender não apenas as diretrizes morais, étnicas, sociais, políticas e mercadológicas, entre outras, que envolvem sua produção, como também, para compor um quadro mais amplo da história. Tirando o fator criativo, a imaginação de quem produziu, temos ali contato com o que se pensa a respeito de determinados temas ou, em muitos casos, aquilo que se deseja que a sociedade pense. Como formadores de opinião, tanto jornais quanto quadrinhos vendem tendências e estas podem ir de encontro ou não à demanda social.

Na obra de Ormes encontramos várias dessas tendências. Infelizmente, tentar medir em que grau ela conseguiu influenciar seu público seria, no momento, uma tarefa quase impossível. Doravante não há como negar a importância de Ormes para a comunidade afro-americana em seu todo e, especificamente, para a mulher afro-americana. Seu legado pode ser encontrado, por

exemplo, na *The Ormes Society*, uma organização dedicada a apoiar mulheres afro-americanas que criam histórias em quadrinhos e que promovem a diversidade dentro da indústria e entre os leitores.

Considerações Finais

O discurso e as representações do feminino na obra de Ormes tornam-na um objeto singular de pesquisa. Ormes apresenta um modelo de mulher negra que é completamente diferente de todos até então. Suas personagens, com destaque especial para Touchy Brown, tanto por seu comportamento atípico quanto pelos tipos de situações em que se envolve coloca o papel da mulher negra norte-americana num patamar superior. Touchy não é apenas uma construção, ela se baseia nas práticas sociais da própria autora, na sua forma de enxergar o seu papel como mulher e negra em uma sociedade preconceituosa e segregadora.

Poder escrever sobre ela e suas personagens é muito mais do que escrever sobre uma mulher negra e suas personagens complexas. É poder levar a público uma trajetória de vida que serve de exemplo até hoje para quem deseja ingressar nesse concorrido e competitivo mercado, dominado pelos homens. Independentemente da sua cor, Ormes é um mito feminino. Uma pena que tenhamos tão poucas possibilidades de acesso a material de pesquisa acerca dessas personagens, reais e imaginárias. Boa parte da bibliografia sobre Jackie Ormes e outras autoras que se destacaram durante a *Era de Ouro* estão em inglês e precisam ser importados. A *internet* facilitou o acesso aos quadrinhos por meio de *scans*, mas nem todos podem ser facilmente acessados.

No caso do Brasil, não existe, pelo menos não do meu conhecimento, um estudo detalhado sobre a produção de quadrinhos no século XX, pelo menos não um que dê o devido espaço e crédito às nossas artistas do lápis, usando a expressão de Hérman Lima²¹. Hérman, aliás, foi um dos poucos em sua coletânea *História da Caricatura no Brasil* que abriu espaço para artistas como Nair de Teffé, Hilde Weber, Iolanda Pongetti, Irene e Arteobela.

Nos Estados Unidos, onde a historiografia que se dedica aos quadrinhos tem crescido muito nas últimas décadas, ainda são poucos os autores - com destaque para as já citadas Trina Robbins e Nancy Goldstein - que se dedicam a pesquisar sobre o tema, resgatando a memória, a história e a obra de caricaturistas, cartunistas, chargistas e quadrinistas. É possível afirmar, então, que essas mulheres têm em comum o silêncio que envolve sua vida profissional e sua arte.

Recontar a história das mulheres que participaram do seletivo círculo de desenhistas e roteiristas publicados em jornais e revistas no decorrer do século XX é preencher uma lacuna na história. É quebrar esse silêncio sobre as mulheres, recuperando suas vozes por meio de sua obra e sua trajetória pessoal e profissional.

²¹ LIMA, Hérman. *História da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

Referências

BAIROS, LUIZA. Nossos feminismos revisados. *Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 02, p. 458-463, 1998. Disponível em: <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/10112009-123548bairros.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2013.

FALUDI, Susan. Backlash. *O contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres*. Tradução Mário Fondelli. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

GOLDSTEIN, Nancy. *The First African American Woman Cartoonist*. Ann Arbor: University of Michigan, 2008.

GREEN, Karen. *Black and White and Color* [2008]. Disponível em: <<http://pullist.comixology.com/articles/96/Black-and-White-and-Color>>. Acesso em 02 jan. 2013.

JOHNSON, Judy M. *History of Paper Dolls* [1999]. Disponível em: <<http://www.opdag.com/History.html>>. Acesso em: 07 fev. 2013.

LIMA, Hérman. *História da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

MOYA, Álvaro de. *História da História em Quadrinhos*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. *Mulher ao Quadrado: as representações femininas nos quadrinhos norte-americanos: permanências e ressonâncias (1895-1990)*. Brasília: Universidade de Brasília: Finatec, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso, Imaginário Social e Conhecimento. *Em Aberto*, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994.

REBLIN, Iuri Andréas. *A Superaventura: da narratividade e sua expressividade à sua potencialidade teológica*. 2012. 257 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2012

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução Alain François. Campinas, SP: UNICAMP, 2007.

ROBBINS, Trina. *Paper Dolls from the comics*. Forestvilli: Eclipse Books, 1987.

_____. *The Great Women Cartoonists*. New York: Watson-Guption Publications, 2001.

SAMARA, Eni de Mesquita (Org). *Gênero em debate: trajetória e perspectivas da historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1997.

SENNA, Nádia Cruz. Moda e HQ. In: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 24, 2001. *Anais...* Campo Grande /MS, set. 2001. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/122554706422149052378065788921333411669.pdf>>. Acesso em: 07 fev.2013.

Links consultados:

African American newspapers. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Black_newspapers>. Acesso em: 12 fev. 2013.

African American Women Take On The Comic Book Industry (Jackie Ormes Lives On). Disponível em: <<http://blogs.indiewire.com/shadowandact/african-american-women-take-on-the-comic-book-industry-jackie-ormes-lives-on>>. Acesso em 02 jan. 2013.

Chicago Defender. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Chicago_Defender>. Acesso em: 02 jan. 2013.

Fireball Freddy, 1955. Disponível em: <<http://www.ladiesmakingcomics.com/post/17107327529/black-comics-history-mystery-above-is-a-comic-by>>. Acesso em: 22 mar. 2013.

Jackie Ormes: The First African American Woman Cartoonist. Disponível em: <<http://www.jackieormes.com/tbdh.php>>. Acesso em: 21 out. 2012.

Jackie Ormes. Disponível em: <http://www.lambiek.net/artists/o/ormes_jackie.htm>. Acesso em 02 jan. 2013.

Pittsburg Courier. Disponível em: <<http://www.blackpast.org/?q=aah/pittsburgh-courier-1907>>. Acesso em: 12 fev. 2013.

The Yellow Kid Dresses Up! Disponível em: <http://ullam.typepad.com/>>. Acesso em 21 out. 2012.

The Ormes Society. Disponível em: <<http://theormessociety.com/>>. Acesso em: 21 out. 2012.

Touchy Brown by Jackie Ormes. Disponível em: <<http://paperdollconvention2008.blogspot.com.br/>>. Acesso em 02 jan. 2013.

Revistas em quadrinhos analisadas

JUMBO COMICS. New York, n. 13, 1940.

JUMBO COMICS. New York, n. 14, 1940.

JUMBO COMICS. New York, n. 19, 1940.

JUMBO COMICS. New York, n. 23, 1940.

JUNGLE COMICS. New York, n. 01 v. 01, ano 01, 1940.

JUNGLE COMICS. New York, n. 02, v. 01, ano 01, 1940.

JUNGLE COMICS. New York, n. 03, v. 01, ano 01, 1940.

JUNGLE COMICS. New York, n. 04, v. 01, ano 01, 1940.

JUNGLE COMICS. New York, n. 05, v. 01, ano 01, 1940.

JUNGLE COMICS. New York, n. 07, v. 01, ano 01, 1940.

JUNGLE COMICS. New York, n. 12, v. 01, ano 01, 1940.

JUNGLE COMICS. New York, n. 133, 1951.

JUNGLE COMICS. New York, n. 140, 1951.

JUNGLE COMICS. New York, n. 154, 1951.

SHEENA THE QUEEN OF THE JUNGLE. New York, n. 01, 1942.

SHEENA THE QUEEN OF THE JUNGLE. New York, n. 02, 1942.

SHEENA THE QUEEN OF THE JUNGLE. New York, n. 14, 1951.

THE GOLDEM AGE SHEENA. QUEEN OF THE JUNGLE. New York, n. 02, 1942.